

EDITORIAL

Gabriel de Ávila Othero¹

gabriel.othero@ufrgs.br

Quem tem acompanhado o desenrolar (relativamente) recente da linguística gerativa pôde perceber que um assunto antigo tem voltado a aparecer com frequência na agenda de pesquisa chomskyana: a “origem da linguagem”. A investigação sobre como a linguagem veio a se desenvolver na nossa espécie ganhou uma linha de investigação própria dentro da linguística gerativa: a **Biolinguística**, uma área que demarcou seu espaço desde, pelo menos 2007, com a criação do periódico *Biolinguistics* (www.biolinguistics.eu), que teve sua primeira edição aparecendo em dezembro daquele ano (o artigo traduzido desta nossa edição da **ReVEL** é justamente um texto de Chomsky publicado na edição n. 1 da *Biolinguistics*).

A investigação sobre a origem da linguagem, no entanto, não é nova: Franchetto & Leite (2004) nos contam, por exemplo, como historicamente a busca pela explicação de como a linguagem surgiu (e qual foi a primeira língua falada pelos humanos) sempre preocupou filósofos, historiadores e curiosos. Entretanto, como bem sabemos das anedotas, as explicações “pré-científicas” eram tantas e tão descabidas que a *Société de Linguistique de Paris* proibiu, em 1866, a investigação de mais trabalhos sobre o tema.

Na agenda da linguística gerativa, tal investigação também não é nova, como Chomsky constantemente nos lembra – veja esta passagem de Berwick & Chomsky (2017: 13-4), por exemplo:

Contrariando certos pontos de vista, a discussão sobre a evolução da linguagem como o “problema de Darwin” não era considerado um tema tabu até seu “ressurgimento” na década de 1990 – como um parente excêntrico que tivesse sido esquecido por trinta anos em um sótão. Pelo contrário, era um assunto de intenso interesse em Cambridge, Massachusetts, durante os anos 1950 e 1960 e, em seguida, durante toda a década de 1970. Esse

¹ Professor adjunto do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; editor da ReVEL; Doutor em Letras\Linguística pela PUCRS.

profundo interesse se reflete diretamente no prefácio de Eric Lenneberg, em setembro de 1966, de seu *Biological Foundations of Language* [Fundamentos biológicos da linguagem] (1967, p.viii), em que ele admite sua dívida “nos últimos quinze anos” a uma lista de nomes famosos e familiares: Roger Brown, Jerome Bruner, George Miller, Hans Teuber, Philip Liberman, Ernst Mayr, Charles Gross – e também Noam Chomsky. Em nossa opinião, o livro de Lenneberg continua muito pertinente – em particular seu Capítulo 6, “A linguagem à luz da evolução e da genética”, ainda permanece como um modelo de pensamento evolutivo sutil, assim como seu trabalho anterior (Lenneberg, 1967).

(...)

Na verdade, então, sempre houve um interesse constante na questão da evolução da linguagem. Com certeza, nas décadas de 1950 e 1960 não se poderia ter dito muito mais sobre a evolução da linguagem além do que Lenneberg escreveu. As gramáticas gerativas típicas da época consistiam em muitas regras complexas, ordenadas e transformacionais. Uma olhada no apêndice II do livro *Estruturas sintáticas*, de Chomsky (1957), com suas 26 regras altamente detalhadas para um fragmento do inglês, revela essa complexidade. No entanto, o interesse pela evolução da linguagem não diminuiu e, de tempos em tempos, aconteceram grandes conferências sobre o tema (...).

A investigação é, portanto, antiga, mas foi apenas nos últimos anos que a área da Biolinguística e o “Problema de Wallace-Darwin” (i. e. “como [o] aparato neurofisiológico [equipado com nosso conhecimento gramatical] se desenvolveu no curso da evolução da espécie?”, nas palavras de Max Guimarães 2017: 113) passaram a ocupar papel central na investigação linguística de base gerativa, em especial nos trabalhos do próprio Chomsky. Isso se deve, em grande medida, a simplificações da representação do nosso conhecimento gramatical, vislumbradas a partir do programa minimalista em meados da década de 1990 (ver, a esse respeito, Chomsky 2014, Carvalho, a sair, e Nóbrega, a sair), como o leitor poderá descobrir por si mesmo ao ler os textos publicados nesta edição da **ReVEL**, em especial o texto do próprio Chomsky, **Sobre mentes e linguagem**.

Agradeço a todos os que colaboraram com esta edição da **ReVEL** (em especial aos pareceristas que atuaram nesta edição). Agradeço também ao Vítor Nóbrega (doutorando da USP) por ter me incentivado a destinar uma edição da **ReVEL** a essa área tão interessante dos estudos linguísticos.

PARECERISTAS DESTA EDIÇÃO:

Ana Maria T. Ibaños (PUCRS)

Augusto Buchweitz (PUCRS)

Cilene Rodrigues (PUCRJ)
 Dannel da Silva Carvalho (UFBA)
 Luisandro Mendes de Souza (UFRGS)
 Mariana Terra Teixeira (PUCRS)
 Mary Kato (Unicamp)
 Renato Basso (UFSCAR)
 Rosângela Gabriel (Unisc)
 Vítor Nóbrega (USP)

DENSIDADE DESTA EDIÇÃO:

Artigos submetidos:	07
Artigos recusados (fora do tema ou das normas):	02
Artigos avaliados por pareceristas:	05
Artigos recusados por pareceristas:	01
Artigos aceitos:	04
Artigos publicados:	04

REFERÊNCIAS

- BERWICK, R. B.; CHOMSKY, N. *Por que apenas nós: linguagem e evolução*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- CARVALHO, D. O programa minimalista. In: OTHERO, G. A.; KENEDY, E. *Chomsky: a reinvenção da linguística*. A sair.
- CHOMSKY, N. *A ciência da linguagem*. São Paulo: Unesp, 2014.
- FRANCHETTO, B.; LEITE, Y. *Origens da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GUIMARÃES, M. *Os fundamentos da teoria linguística de Chomsky*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- NÓBREGA, V. O problema de Darwin-Wallace. In: OTHERO, G. A.; KENEDY, E. *Chomsky: a reinvenção da linguística*. A sair.